



## Imposições e Dilemas: Vivências de Sofrimento no Pesquisar

*Silvanir Destefani Sartori<sup>1</sup>, Jeremias Campos Simões<sup>2</sup>*

**Resumo:** A partir da análise de diários de campo produzidos durante o desenvolvimento de pesquisa sobre vivências de trabalhadores que atendem ocorrências envolvendo suicídio, o objetivo desse artigo é compreender à luz da Psicodinâmica do Trabalho vivências de sofrimento experimentadas pelo pesquisador no processo de pesquisa. Para atingir o objetivo proposto, os diários foram analisados a partir da análise de conteúdo, sendo delineado como vivências de sofrimento: Imposições; Dilemas; Temas Sensíveis - suicídio e trabalho. Atinge as considerações finais, mediante a concepção de que inevitavelmente o pesquisador corre riscos, mas há possibilidades de estratégias para a manutenção de sua normalidade.

**Palavras chave:** Trabalho; Estresse Psicológico; Pesquisa.

## Impositions and Dilemmas: Experiences of Suffering in Research

**Abstract:** From the diaries produced during the research about the experiences of people that work attending suicides episodes, this article pretends to comprehend the suffering experiences of these workers in the light of Labor Psychodynamics. To achieve this purpose, the content of these diaries were analyzed, then the suffering experiences were designed as impositions (obligations), dilemmas and the involment of sensible subjects (suicide and work) by the research. As final considerations, the idea that the researcher necessarily takes risks, but there are strategies to keep their safety (normalcy).

**Keywords:** Work; Stress, Psychological; Research.

### Introdução

A construção desse artigo tem por motivante vivências enquanto pesquisador na elaboração de um estudo que objetivou compreender as relações de prazer e sofrimento no trabalho de sujeitos responsáveis por atendimento a ocorrências envolvendo suicídio (tentativas e atos conclusos), a partir da categoria teórica Psicodinâmica do Trabalho, teoria desenvolvida no contexto francês por Christophe Dejours.

<sup>1</sup> Graduação em Administração pela Faculdade de Estudos Administrativos de Minas Gerais (2012), graduação em Direito pelo Centro de Ensino Superior de Vitória (2018) e mestrado em Administração pela Universidade Federal do Espírito Santo (2017). Atualmente é professor da Faculdade Norte Capixaba de São Mateus (Multivix) e da Faculdade de Ensino Superior de Linhares (FACELI). silvanirdestefani@yahoo.com.br;

<sup>2</sup> Enfermeiro, mestre em Saúde Coletiva e doutoramento em Saúde Coletiva, ambos pela Universidade Federal do Espírito Santo. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitário Salesiano - Unisales. jeremias.simoess@yahoo.com.br.

Assim, o *corpus* analisado nesse artigo são diários de campo, registrados pelo pesquisador perante suas vivências de pesquisa com a temática sofrimento no trabalho e atendimento a ocorrências envolvendo suicídio. O fomento para a construção dos diários de campo analisados, foi pesquisa desenvolvida no desenvolvimento de dissertação de mestrado em administração.

Nesse sentido, é necessário evidenciar que o processo de pesquisa se configura como trabalho, em que o pesquisador é um trabalhador e a pesquisa é o resultado desse trabalho. Dessa maneira o pesquisador/trabalhador está sujeito a imposições de terceiros que pode repercutir em vivências de sofrimento como medo, angústia e ansiedade (BISPO; HELAL, 2013).

Inobstante, é necessário aludir que no processo de trabalho em análise, lidou o pesquisador com temas considerados sensíveis - suicídio e sofrimento no trabalho - em que em seu manuseio são possíveis de repercutirem em transtornos para a integridade mental, emocional e física do pesquisador (ALCADIPANI; CEPellos, 2017).

Do mesmo modo, a luz teórica adotada, Psicodinâmica do Trabalho, preconizadora de investigação mediante o processo intersubjetivo de fala e escuta, denota riscos para o pesquisador à medida que esse adentra nas narrativas de sofrimento do trabalhador e se vê envolvido nos dramas e tramas de sofrimento e prazer (DEJOURS, 2011a)

A essas condições, soma-se o aumento da carga psíquica experienciada pelo pesquisador, a diminuição de suas possibilidades de expressão enquanto sujeito propiciadas em virtude da redução de tempos para a convivência com amigos e família a fim de cumprir prazos e prosseguir com a pesquisa e a exposição a narrativas de mortes traumáticas (não tão somente de morte por suicídio) (BISPO; HELAL, 2013; SANTOS; CAMPOS; TAVARES, 2015).

Para tanto, o objetivo desse artigo é mediante análise de conteúdo e à luz da psicodinâmica do trabalho, analisar os diários de campo produzidos durante o desenvolvimento da referida pesquisa, com a finalidade de compreender vivências de sofrimento experimentadas pelo pesquisador no processo de pesquisa.

Ressalta que compreender as vivências de sofrimento, não representa inexistência de vivências de prazer, contudo entende-se a compreensão do sofrimento como imprescindível para elaboração de estratégias para futuras pesquisas.

Nesse sentido, torna relevante e justifica a compreensão de tais vivências, evidenciar o fato de estar o pesquisador em risco não havendo neutralidade mediante aquilo que ele escuta no processo de produção de dados, nem tampouco no processo de análise e compreensão

daquilo que foi produzido. O pesquisador é parte integrante do processo de conhecimento, interpretando fenômenos e lhe concedendo significados, inexistindo inércia (DEJOURS, 2011a; CHIZZOTTI, 2006).

Compreender tais vivências se consolida como ato político – político no sentido da palavra: permitir narrar o que sente, denunciar e desbanalizar às violências experimentadas. “A palavra faz laço social, promove a elaboração de eventos traumáticos acontecidos no âmbito do trabalho” (GÓMEZ; MENDES; CHATELARD; CARVALHO, 2016. p. 256).

Além disso é relevante compreender tais vivências em razão de permitir compartilhar lições aprendidas a demais pesquisadores envolvidos com temas sensíveis (ALCADIPANI; CEPellos, 2017) possibilitando compreender o pesquisador como trabalhador envolvido em dramas e tramas, experienciador de prazer e sofrimento e com a conseqüente necessidade de cuidados e espaços para a elaboração de estratégias para enfrentamento (DEJOURS, 2011a).

Dessa maneira, para atingir o objetivo proposto, sob consideração de ser a Psicodinâmica do Trabalho categoria teórica nesse artigo, assim como na pesquisa da qual originou os diários de campo analisados, inicialmente serão apresentados conceitos acerca da referida teoria elucidando conceitos de sofrimento no trabalho. Sequencialmente será apresentado o processo da pesquisa possibilitadora das vivências compreendidas nesse artigo, culminando a seguir na apresentação dos aspectos metodológicos, o que conduz a compreensão do objetivo proposto.

### **A Psicodinâmica do Trabalho: Vivências de Sofrimento no Trabalho**

A Psicodinâmica do Trabalho, desenvolvida no contexto francês a partir de 1970 tem por objeto a vida psíquica no trabalho com ênfase no sofrimento psíquico e nas estratégias de enfrentamento utilizadas pelos trabalhadores para a superação e transformação do trabalho em fonte de prazer (DEJOURS, 2011b). Compreende o trabalhador como sujeito não passivo diante da forma de organização do trabalho estando em constante tentativa de equilíbrio e adaptação às situações de trabalho (BENDASSOLLI; SOBOLL, 2011).

A existência ou não do equilíbrio nas vivências de trabalho se constituirão à medida em que se há liberdade e conseqüente possibilidade de autonomia por parte do trabalhador, condição essa que favorecerá o trabalho ser sentido como fonte de prazer. Contrariamente, à medida que essa liberdade é suprimida, há aumento da carga psíquica, surgindo então o sofrimento (CARMO; GUIMARÃES; CAEIRO, 2016). Dessa maneira para a Psicodinâmica

do Trabalho prazer e sofrimento são inerentes as situações de trabalho, presentes de maneira simultânea e em constante resistência (DEJOURS, 2011a).

Assim o sofrimento advém do supressão de espaço existente entre o homem e a organização do trabalho envolvendo aspectos objetivos da atividade como fadiga, padronização de tarefas, insuficiência de competências, excesso de regras, rigidez hierárquica, ocorrência de eventos inesperados, interrupções motivadas por colegas de trabalho e ou patrão, situações em que o sujeito está submetido a ritmos e condições impeditivas de se manifestar, situações de confronto entre os valores do trabalhador e da organização do trabalho entre outras circunstâncias (DASHTIPOUR; VIDAILLET, 2017).

Simultaneamente, na possibilidade de o trabalhador ter autonomia, poder se expressar perante as imposições da organização do trabalho, este terá possibilidade de experimentar prazer. Assim, na lacuna entre o prescrito (regras e normas) e o real (como as normas são interpretadas, variabilidades e imprevistos), permitem ao trabalhador satisfação de suas necessidades e desejos, opostas as exigências da organização do trabalho. Esta lacuna permite vivências e aprendizagens que quando elaboradas a partir de cooperação e solidariedade nas relações de trabalho, podem inclusive serem incorporadas e ter impacto positivo na identidade dos trabalhadores (DIAS; FACAS; MORRONE; MENDES, 2011; VERONESE; ESTEVES, 2009).

A resistência entre prazer e sofrimento no trabalho, possibilita a continuidade do trabalho e manutenção da normalidade do trabalhador. O sofrimento é experienciado, ou até mesmo suportado, mediante a possibilidade da vivência de prazer. Tal vivência está relacionada ao reconhecimento, consolidado mediante o sentido de utilidade e valorização do resultado do trabalho. Este reconhecimento deve ser reconquistado pelo trabalhador a cada novo procedimento, formando um jogo de relações sociais. À medida que a execução da atividade e as condições de trabalho conduzem ao sofrimento, o reconhecimento sobre a utilidade social econômica ou técnica do trabalho feito, conduz o trabalhador ao prazer (DEJOURS, 2011b).

Compreende, portanto, o trabalho não apenas como forma de suprir necessidades de sobrevivência, mas também como permissor de singularização do sujeito em sua relação com o outro (MATTOS; SCHLINDWEIN, 2015). O trabalhador não é uma máquina, mas sim experienciador de excitações endógenas - instintuais ou punctionais, tais como desejo, motivação e inveja – e exógenas vindas do exterior, como por exemplo, informações visuais, auditivas e táteis – não estando inerte a tais situações (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1994).

Este jogo de relações sociais entre prazer e sofrimento, devem ser pesquisadas mediante o processo intersubjetivo de fala dos trabalhadores e de escuta do pesquisador. Por conseguinte, pesquisar a partir da Psicodinâmica do Trabalho representa enfrentar riscos à medida que há envolvimento com dramas e tramas dos sujeitos pesquisados, adentrando o pesquisador em dilemas, assim como em constantes conflitos entre seus valores e crenças e aqueles delineados pelos pesquisados (DEJOURS, 2011a, 2011b). Ou seja, ao se dispor a pesquisar a partir da Psicodinâmica do Trabalho, está o pesquisador sujeito ao risco delineado por Dejours, assim como sujeito a vivências de prazer e sofrimento em virtude desse processo se constituir como trabalho.

Nessa concepção de ser o pesquisar essencialmente trabalhar, sequencialmente será apresentado o processo e etapas do trabalho de pesquisa possibilitadora das vivências de sofrimento compreendidas nesse artigo.

### **O Pesquisar, a Pesquisa e seus Temas Norteadores: a Produção dos Diários**

A pesquisa que motivou a produção dos diários analisados nesse artigo, foi realizada no contexto do Mestrado em Administração em uma organização de trabalho de natureza pública que entre outras atividades atendem ocorrências envolvendo suicídio com a finalidade de afastar o sujeito tentante do meio letal empregado – afastar o sujeito tentante do risco de morte e ou lesão. Tendo, portanto, como temas principais sofrimento e prazer no trabalho e atendimento de ocorrências envolvendo suicídio.

Para tanto, conceitua suicídio como ato voluntário em que o sujeito tentante busca por fim em sua própria vida (MELEIRO; BAHLS, 2004). Mesmo que seja ato solitário, o suicídio está inserido em espaço interinstitucional afetando inclusive profissionais de saúde e diversos outros sujeitos inseridos nesses espaços (BOTEGA, 2015). Tais sujeitos, tal como os trabalhadores pesquisados, compreendem o nominado por Tavares (2013), como sobreviventes (tradução do inglês de *survivors*).

Nesse sentido, impescinde mencionar que os temas abordados na pesquisa fomentadora dos diários de campo aqui analisados, são temas sensíveis e que afetam o pesquisador, uma vez que morte é assunto sentido como tabu em nossa sociedade e o suicídio é uma forma complexa nesse espectro (KOVÁCS, 2013). De modo semelhante, o desvelamento de vivências relacionadas a sofrimento no trabalho, são condições que afetam o pesquisador, sua forma de sentir e fazer pesquisa, repercutindo nos diários construídos que são analisados nesse artigo.

Além disso, a pesquisa do qual se originou os diários de campo analisados nesse artigo, face o uso teórico e metodológico da Psicodinâmica do Trabalho teve abordagem qualitativa com produção de dados por meio de entrevistas semiestruturadas e observação livre dos sujeitos pesquisados – trabalhadores que atendem ou já atenderam ocorrências envolvendo suicídio (tentativas ou atos conclusos).

Nessa forma de pesquisar, inexistiu escusa de o pesquisador surgir, divergindo com o pensamento de imparcialidade, impessoalidade e neutralidade. De forma alguma representa desvalorização científica de seus achados, pois esse significante depende diretamente do modo como se faz a investigação, ou seja, de se colocar a pesquisar sem o receio da influência de sua concepção, mas com rigorosa forma de olhar (TRIVIÑOS, 1987; ACADEMY OF MANAGEMENT JOURNAL, 2011).

Essa maneira de olhar se fortalece na metodologia da Psicodinâmica do Trabalho mediante a concepção de não abnegação do pesquisador já que esta escuta, interage, engaja-se, coloca-se em risco, compreende, constituindo o processo intersubjetivo revelador de mediações ocorridas no contexto do trabalho (DEJOURS, 2011c). Trata-se da evidência de no processo de construção da pesquisa ser necessário ao pesquisador adentrar nos dramas delineados pelos sujeitos pesquisados e estar disposto a correr riscos. Não é suficiente ouvir para que se produza sentido, mas sim constituir intersubjetividade (DEJOURS, 2011a). Por conseguinte, esse processo intersubjetivo conduz o pesquisador enquanto trabalhador a vivências de sofrimento, motivadas pela busca por vivências de prazer com o possível resultado útil do trabalho: reconhecimento.

Nesse processo intersubjetivo, a pesquisa que fomentou a construção dos diários analisados nesse trabalho, compreendeu nas etapas de inserção em campo, produção de dados (realização de entrevistas e observação) e tratamento e análise dos dados. Este percurso, dos quais foram registrados pelo pesquisador em diário, duraram aproximados 10 (dez) meses.

Assim, os diários aqui analisados, foram produzidos pelo pesquisador a partir da inserção em campo até o término da análise dos dados produzidos, sendo o registro do observado e sentido pelo pesquisador nesse processo ao lidar com as condições de pesquisa (condições de trabalho), que compreendia lidar com os temas sofrimento no trabalho e suicídio. São, portanto, a descrição de observações e reflexões realizadas pelo pesquisador com descrições acerca dos fenômenos sociais e físicos, além da compreensão da totalidade da situação em estudo (TRIVIÑOS, 1987).

A inserção em campo compreendeu o período após delineamento do objetivo de pesquisa com busca de autorização à organização de trabalho a ser pesquisada e definição juntamente com setor de apoio da organização dos procedimentos de pesquisa em campo. Nesse período também o projeto foi submetido ao Conselho de Ética e Pesquisa. Entende-se essa etapa como inserção em campo, pois foi o ponto de partida do contato do pesquisador com a organização real de trabalho e a partir de quando iniciou a observação e construção do diário.

Sequencialmente iniciou a produção de dados em que o pesquisador começou a ouvir os trabalhadores pesquisados. Nesta etapa foram entrevistados 15 (quinze) trabalhadores, resultando em aproximadamente 16 (dezesesseis) horas de entrevistas. Tais entrevistas foram realizadas no local de trabalho, sempre buscando espaços que não houvessem interferências, sendo as entrevistas gravadas. Essa etapa especificamente, teve duração aproximada de três meses, intercalada de acordo com a disponibilidade dos participantes, dos quais, se voluntariaram a participar.

De maneira simultânea a realização das entrevistas, iniciou o tratamento dos dados com a transcrição das entrevistas. Essa etapa consistiu em o pesquisador ouvir novamente todas as entrevistas, contudo de maneira muito mais atenta e profunda já que esse trabalho era ouvir e escrever (digitar) o que se ouvia. Este processo resultou em aproximadas 300 (trezentas) páginas transcritas. Por conseguinte, também foi o momento de início da análise dos dados produzidos e da concretização da análise de conteúdo – técnica de análise dos dados utilizada no processo de pesquisa. Mesmo que as vivências em razão do processo de pesquisa inevitavelmente tenham ido além dessa etapa, com o término da análise se encerrou a construção do diário.

Compreendida o processo de construção de pesquisa que fomentaram os diários de campo a serem analisados, além da caracterização desses temas, a seguir será apresentado a trajetória metodológica delineada com a finalidade de adequadamente analisar os diários de campo produzidos e assim atingir o objetivo desse artigo: compreender vivências de sofrimento experimentadas pelo pesquisador no processo de pesquisa.

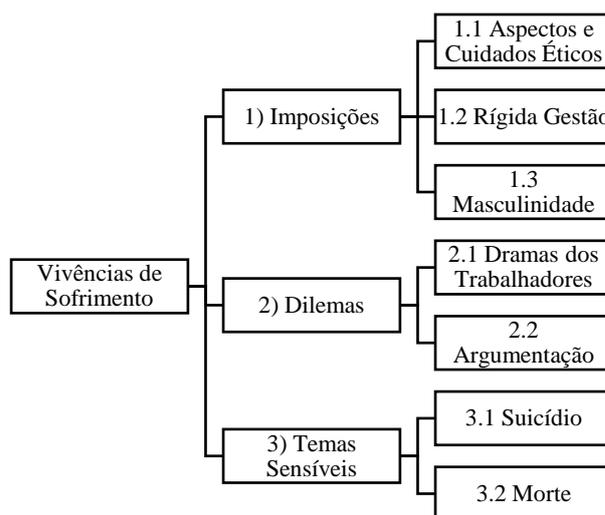
### **Trajatória Metodológica**

Evidenciado a trajetória da construção dos dados analisados nesse artigo (diários de campo), dedica-se nesse tópico a apresentar a maneira de análise desses dados para a compreensão do objetivo proposto.

Nesse sentido, para atingir a compreensão das vivências de sofrimento mediante os diários produzidos foi utilizado a técnica análise de conteúdo. Essa forma de analisar caracteriza-se como um conjunto de técnicas que visam compreender as comunicações através da sistematização de procedimentos objetivos, permitindo a inferência de conhecimentos relativos às mensagens (MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011). Destaca na referida técnica o afaste da concepção de um pesquisador neutro, já que no processo de análise é necessário dedicação, paciência, tempo, intuição e criatividade. (FREITAS; CUNHA; MOSCAROLA, 1997; DEJOURS, 2011c).

Dessa maneira a análise de dados compreendeu leitura dos dados produzidos (diários de campo), sequencialmente fora realizado categorização das vivências de sofrimento. Sequencialmente a subcategorização, conforme representando a seguir:

**Figura 1** – Categorização e subcategorização das vivências de sofrimento



Fonte: elaborado pelos autores.

Ressalta que os diários de campo analisados, possibilitaram a compreensão das vivências de sofrimento enquanto pesquisador, entretanto não significa a inexistência de vivências de prazer, haja vista que se essas fossem inexistentes o pesquisador/trabalhador sucumbiria e não atingiria o resultado do trabalho. Essa possibilidade de compreender as vivências de sofrimento e não as de prazer, ocorre pelo fato dos registros do pesquisador em diário terem acontecidos em momentos de incômodo.

Também é importante considerar a possibilidade de a categorização ser falha e até mesmo a vivência compreendida como sofrimento poder ser entendida como prazer, pois há

resistências entre as vivências e sê-la prazer e/ou sofrimento é relativa a uma tolerante organização do trabalho (DESSORS; SCHRAM, 1992).

Atingido a compreensão do referencial teórico e da metodologia aplicada nesse, sequencialmente será apresentado os resultados e discussão atingindo o objetivo desse artigo. Para tanto, por motivos éticos, na transcrição de trechos dos diários de campo, expressões que possam identificar os trabalhadores pesquisados e ou a organização de trabalho foram substituídos por palavras análogas, estando essas em itálico.

## **Resultados e Discussão - Vivências de Sofrimento**

As vivências de sofrimento foram compreendidas como 1) Imposições, 2) Dilemas e o fato de o objetivo de pesquisa lidar com 3) Temas sensíveis. Tais vivências são categorizadas com a finalidade de compreensão, contudo o vivenciar não linear e desfragmentado, faz como que haja conexão e possibilidades de recategorização. Assim, a primeira vivência a ser compreendida, 1) Imposições, compreende as subcategorias de 1.1) Aspectos éticos, 1.2) Rígida Gestão e 1.3) Masculinidade.

As imposições representam vivências de sofrimento à medida que o pesquisador (o trabalhador em análise) é obrigado a lidar com ritmos, movimentos e regras impostas pela forma como o trabalho de pesquisa se organiza e progride ao longo do tempo, suprimindo espaços para sua expressão (DASHTIPOUR; VIDAILLET, 2017). Essa vivência é possibilitada e expressa já no início da pesquisa com rígidas regras mediante a observação do pesquisador por 1.1) *aspectos e cuidados éticos* compreendido já no processo de busca por autorização para realizar a pesquisa, expressando o pesquisador:

*[...] me sinto marcado pela insegurança: a impressão é que no fim não serei autorizado a pesquisar na organização e assim me vejo delineando outros possíveis campos. Não senti segurança na autorização. Parece que a qualquer tempo as portas se fecharão.*

*[...] é preciso mencionar o lapso temporal longo entre entregar o projeto e ter a autorização escrita. Nesse interim foram diversas as ligações para o setor de atendimento psicossocial não atendidas e alguns e-mails sem repostas: tive a impressão que minha insistência já os incomodava querendo de fato não me atender.*

Essa primeira imposição consiste na necessidade de autorização da organização de trabalho em que os trabalhadores estão inseridos. Há confronto entre a expectativa do pesquisador em ter autorização em um lapso temporal específico e que a autorização lhe transmita segurança. Trata-se dos valores e expectativas do pesquisador de um tempo que não

seja longo e de uma autorização que seja segura, sendo confrontado com as possibilidades que a organização do trabalho consegue oferecer. É o confronto do pesquisador com o real do trabalho (DASHTIPOUR; VIDAILLET, 2017).

Esse confronto com o real referente aos cuidados e aspectos éticos, continua no processo de pesquisa à medida em que o pesquisador vivencia diversas imposições mediante a existência de regras de ofício que não lhe são tolerantes:

*[...] tenho percebido uma grande preocupação do campo, manifestada pelo serviço de atendimento psicossocial, em como se dará a pesquisa. Há medo do que a pesquisa possa levantar nos trabalhadores uma demanda para falar de suicídio e que o setor talvez não esteja preparado para atender. Por esse receio alguns cuidados/regras já foram acertados. Isso me assusta e parece ter efeito congelante: terei condições de fazer todas as minhas perguntas? Até que ponto esses cuidados estão sendo excessivos?*

Necessariamente verifica-se interface com a vivência de sofrimento de ser o tema pesquisado considerado sensível, mas posto aqui como imposição de confronto de valores entre organização real e trabalhador, à medida que o pesquisador se põe a questionar se haverá espaço para realização do trabalho. É a busca por espaço entre a organização real e a organização prescrita do trabalho (regras e procedimentos) que permitam a própria realização do trabalho (DEJOURS, 2011a).

De modo análogo se concretiza a vivência de sofrimento em razão da *1.2 Rígida gestão* existente no campo de pesquisa havendo confronto de valores e espaços reduzidos de expressão ao pesquisador. Contudo, destaca nessa vivência a dúvida de como agir por parte do pesquisador, se consolidando em situações expressas nos diários como a seguinte:

*Em determinado momento, pensei em sugerir ao entrevistado de sair da sala ou de pedir que o tal “intruso” saísse, mas acabei não fazendo. Sorte que não fiz! Logo após entendi que o intruso era o gerente geral da organização. Lembrar que se trata de uma instituição de rígida gestão é um grande diferencial para entender as consequências desse pedido. Receio que essa intromissão tem impedido do entrevistado de ter dito algumas questões, inclusive ele teve preocupação em certo tempo de não ser identificado, não falando determinada data.*

Constata-se nessa vivência além do aspecto da rígida gestão, o aspecto do cuidado ético. Por se tratar de pesquisa em que o anonimato dos participantes foi preservado, além das entrevistas deverem ser realizadas em ambientes que preservassem a confidencialidade do dito, o pesquisador vivencia dúvida/confusão face a existência dessas regras (organização prescrita) e aquilo que o real lhe apresenta em razão da rígida gestão. Nesse caso, a organização prescrita, que deve ser tolerante, suficiente a conduzir o trabalhador e diminuir sensações de risco, é insuficiente e causa dúvida no pesquisador (DEJOURS, 2011a). O trabalho (a entrevista) é

realizado, mas há aflição, dúvida e uma não atenuação da sensação de estar incorrendo o pesquisador em riscos ou de estar colocando o seu entrevistado em riscos.

Ainda no contexto de imposições do real, se configurando como confronto de valores, se consolida a vivência de sofrimento em razão da *1.3 Masculinidade*. Essa vivência surge mediante a concepção do pesquisador de ser uma organização de trabalho predominantemente compostas por sujeitos masculinos, corroborada pelo fato que independentemente de gênero, as mulheres presentes na organização também são requeridas por comportamentos entendidos como “masculinos”. Trata-se de uma concepção de gênero do ser masculino valorizado e requerido à medida que se exige um atuar com coragem e sem o efeito de inércia motivado por emoções e medo (DEJOURS, 2011b).

Lidar com esta realidade é posta como sofrimento pelo pesquisador à medida em que há também um confronto de valores entre o seu agir e o agir dos trabalhadores pesquisados:

*[...] me sinto inseguro quanto ao público a ser pesquisado: não me percebo falando o mesmo “idioma”, conseguindo me inserir de fato na organização. Isso se dá por uma certa dificuldade de relacionamento interpessoal, adicionado ao fato de ser uma organização predominante de homens, que para mim é de mais difícil inserção. [...] preciso pelo menos desenvolver capacidade de falar o mesmo linguajar, o mesmo idioma com os entrevistados. Parece que se minha fala não os fizer sentido, ou não conseguir deixá-los extremamente à vontade, não terei resultados satisfatórios. Temo por não haver muitos dispostos a conversar, ou ainda por não conseguir nenhum nível de inserção com o coletivo. Nesse ponto o que traz esse desconforto é uma visão de ser uma instituição machista e conseqüentemente de difícil inserção a homossexuais e demais representações de gênero.*

Esse confronto de valores, além de ser sentida como ansiedade e insegurança, representa ao pesquisador medo de não atingir o resultado. As identidades percebidas de si e da organização de trabalho são interpretadas como divergentes e, portanto, se faz necessário buscar convergência mediante “o desenvolvimento de capacidade de falar o mesmo linguajar”. É a busca do trabalhador a se adaptar à realidade de trabalho, permitindo alcançar o resultado almejado (DEJOURS, 2011a).

De modo análogo ao que acontece com a segunda categoria analisada como vivência de sofrimento: os 2) *Dilemas* vivenciados pelo pesquisador no processo de pesquisa. Tais constituem-se mediante a formação do processo intersubjetivo de fala e escuta em que o pesquisador adentra em 2.1) *dramas dos trabalhadores* e se percebe em uma rede de 2.2) *Argumentação* com finalidades de tornar a entrevista como um ato de dar voz as suas demandas não satisfeitas de trabalho.

Adentrar os 2.1) *dramas dos trabalhadores* é uma condição de trabalho inerente a pesquisa em Psicodinâmica do Trabalho, contudo representa vivência de sofrimento à medida

que o prescrito do trabalho, a literatura, ou ainda a própria metodologia, não representam prescrições que atenuam suficientemente a sensação de estar incorrendo em riscos. É demandado ao pesquisador uma série de decisões no decorrer da pesquisa e no apresentar da organização real do trabalho dos quais os manuais de pesquisa qualitativa não dão conta. São dramas que desestabilizam e perturbam o equilíbrio psíquico (DEJOURS, 2011a).

Esses dramas surgem à medida que em campo o pesquisador começa a lidar com temáticas delicadas no contexto do trabalho, lhe fazendo necessário buscar a normalidade para se manter em pesquisa e a decidir como agir perante o drama desvelado. Há consciência de ser uma rígida gestão e alguns desvelamentos ao serem levado a público no resultado de pesquisa podem trazer consequências aos entrevistados. Essa vivência é percebida principalmente no desvelamento das temáticas suicídio e saúde mental compreenderem circunstâncias vividas pelos trabalhadores e não apenas pelas vítimas atendidas:

*Outra questão, presente em todas as entrevistas é a questão da saúde mental do trabalhador e todos eles com nexos causais com o trabalho. Isso vai para uma questão até mais grave, no caso suicídio. Não sei certo o que fazer com esse desvelamento. Isso afeta o trabalho, mas como colocarei isso nos resultados? Ou então, estaria sendo ético se omitisse? Ai, que angústia.*

*Antes de iniciar a entrevista, o entrevistado comentou sobre um trabalhador que havia “ameaçado” tentar suicídio através da página do facebook. Dessa postagem do trabalhador, rendeu um print que foi enviado a um grupo de WhatsApp informal da organização. [...] Como não era o foco da entrevista, apesar de querer, não prolonguei a conversa, até porque insistir significaria dar conta do que pudesse surgir. Nessas horas surge a pergunta: agi certo?*

A vivência de angústia e questionamentos do pesquisador perante a organização real do trabalho é a disposição de se pesquisar com a possibilidade de desestabilização em face de quebra de condições de adaptação às situações de trabalho, o medo de não obtenção de respostas às hipóteses formuladas ou de não encontrar tudo aquilo que expectava e de lidar com o inesperado, como a situação dos próprios trabalhadores relatarem suicídios recentes de companheiros de trabalho (DASHTIPOUR; VIDAILLET, 2017).

Inevitavelmente, adentrar nesses dramas conduz ao pesquisador a lidar com dizeres “argumentativos” dos trabalhadores, repercutindo na vivência de 2.2) *Argumentação dos trabalhadores*. Esta vivência é compreendida como integrante do processo de se pesquisar a partir da Psicodinâmica do Trabalho, uma vez que se admite poder os entrevistados minimizar, dramatizar, fantasiar para que assim o registro de seus comentários seja instrumentalizado estrategicamente (DEJOURS, 2011b).

Torna-se essa argumentação como vivência de sofrimento à medida que inscreve o pesquisador em questionamentos e não consegue lidar com essa variabilidade. Mais uma vez,

há expectativa de que as normas lhe determinassem quais ações depreender nesses casos. Tais vivências são percebidas nos diários mediante os relatos:

*[...] foi perceptível esse engajamento e me fez pensar que todos que participam da entrevista tem algo bastante direcionado a dizer, bem como o que é dito está diretamente relacionado a hierarquia e relações de poder: quem e de onde fala. Eu ainda não sei lidar com isso.*

*É importante notar que o entrevistado do lugar x expressou diversas vezes ter vivenciado injustiças dentro da organização e já o entrevistado de hoje em forte engajamento e motivação para sua nova atividade como gerente. Ou seja, o quanto perfaz interesses do entrevistado de hoje em negar que a gestão rígida pode ter levado trabalhadores ao suicídio?*

*[...] há que considerar a visão do entrevistado de que eu pudesse vir a se tornar um porta voz das demandas da categoria, como se a minha pesquisa pudesse de alguma forma contribuir para a melhoria das condições de trabalho. Na verdade, isso é uma mão dupla, em razão de que o resultado pode ser mais crítico do que de contribuição.*

Há clareza por parte do pesquisador quanto à existência de uma argumentação dos pesquisados, todavia há dificuldade em saber lidar, emergindo questionamentos referentes a influência desse argumentar no resultado da pesquisa e um aparente receio entre o que pode vir a ser o resultado da pesquisa e as expectativas dos trabalhadores. Nesse sentido é necessário ao pesquisador lidar com variabilidades uma vez que esse argumentar não é previsível e não prescrito, acentuando a sensação de riscos.

Sem dúvidas todas essas vivências são delineadas e até mesmo possibilitadas pela vivência de lidar o pesquisador com 3) *Temas sensíveis: 3.1 Suicídio e 3.2 Morte*. Nesse aspecto a primeira questão em lidar com o tema *3.1 suicídio* é o fato de existir uma ideia comum de que questionar sobre suicídio é poder induzir sujeitos a serem tentantes, ou ainda que o próprio pesquisador se colocasse em risco de suicídio, desvelando as vivências:

*Ontem pela primeira vez comentei que iria pesquisar algo relacionado a suicídio a meu orientador. Junto a ele estava o fulano que imediatamente perguntou: você já tentou se matar?*

*Confesso que não acredito levantar essa demanda por apenas conversar/entrevistar sobre suicídio, mas entendo a preocupação pois recentemente dois trabalhadores se suicidaram. Essa preocupação se apresenta até mesmo com ambivalência, ao tempo que incentivam sobremaneira a pesquisa. Diante dessa ambivalência, o que mais aparece em meus pensamentos: o porquê “inventei” em pesquisar algo tão emblemático/problemático? O meu prólogo nunca fez tanto sentido.*

A própria disposição a pesquisar o tema suicídio inscreve o pesquisador em correr riscos, em um primeiro momento concretizado no constrangimento de responder perguntas relacionadas a sua história de vida. Em momento seguinte, se concretiza no campo de pesquisa quando a organização de trabalho desvela a ocorrência de suicídios de trabalhadores. A

consequência é de existir questionamentos do porquê pesquisar face os riscos que antes eram apenas lidos na literatura e passam agora a serem sentidos.

Essa vivência é tornada mais latente, ou na expressão do pesquisador “choca”, quando lhe é necessário conviver com relatos de sobreviventes devido tentativa pregressa, como desvelado no diário:

*[...] a forma dele falar também era algo que achava interessante. Mas foi chocante quando ele disse que havia tentado suicídio, tive a impressão que talvez não daria conta de continuar, mas dei, até porque o assunto mudou de foco.*

O desvelado pelo trabalhador choca o pesquisador que busca a normalidade na execução do seu trabalho. Assevera a concepção de o processo de escuta não ser isenta de emoções, conduz o pesquisador a dilemas e o coloca em uma obrigação moral de não refutar a demanda vindoura dos sujeitos de pesquisa. Essa demanda não é possível de sê-la neutralizada ou não atingir, já que são vivências indissociáveis: inexistente trabalhador isolado ou fragmentado face o vivido no trabalho e suas vivências para além do trabalho (DEJOURS, 2011c).

Inobstante, o tema suicídio ser sensível também se relaciona ao fato de o pesquisador lidar obrigatoriamente com narrativas sobre 3.3 *Morte*. Nesse aspecto, destaca ter o pesquisador saído do contato com a literatura sobre sofrimento no trabalho e suicídio e adentrado em constantes narrativas sobre formas de mortes. Entre essas realidades há considerável distância, à medida que a literatura não evidencia as nuances em que se concretizam a morte por suicídio e as narrativas dos trabalhadores serem substancialmente ricas em detalhes que revelam formas grotescas como pessoas cotidianamente morrem, ou ainda no caso de suicídio, se predispõe a morrer.

Nesse sentido, o recurso intersubjetivo de fala e escuta, atingia não somente o que o pesquisador objetivava pesquisar, mas sim conduzia o trabalhador a completude de suas experiências no dia a dia do trabalho. Atingia constantemente a descrição e a expressão das mais variadas formas que se morre, a desfiguração de corpos e a processos de deterioração de cadáveres (DEJOURS, 2011c). Ao tempo, porém menos impactante, também recorrentemente se atingiu expressões das mais variadas formas de se salvar. Nesse processo, desvela em diário o pesquisador:

*O entrevistado, mostrou a mensagem que consistia em uma foto na qual o homem estava amarrado pelo pescoço, com olhos roxos, como se fosse se lançar e consequentemente se enforcar.  
Estou cansado. Devo estar desenvolvendo DORT. Ouvir essas entrevistas de novo, agora com mais foco, está acabando comigo. Parece que se eu espremer essas páginas transcritas pingará sangue. Acho que não estou dando conta.*

*Hoje devido a pesquisa voltei a terapia. Estou cansado fisicamente, muito, muito tenso e envolvido com a pesquisa. A psicóloga me perguntou se também estou pensando em suicídio. Nem sei mais o que responder.*

O lidar com espectros de morte conduz o pesquisador ao sofrimento psíquico, contudo também surge aspectos relacionados a ritmos e movimentos quando esse se refere a DORT (Distúrbio osteomuscular relacionado ao trabalho). Essa expressão evidencia não apenas um custo mental frente a consciência do risco, mas que também o corpo está em risco (DEJOURS, 2000).

Apesar disso, nesse cenário de sofrimento ao pesquisador, é importante a análise de que ao adentrar em dramas de morte por suicídio, seja por ouvir as ocorrências atendidas pelos trabalhadores ou dos relatos de tentativa pregressa dos próprios entrevistados, se esse também se torna um sobrevivente. Nesse sentido, o impacto de ser sobrevivente é tão significativo a ponto de ser indicativo para risco futuro de suicídio (TAVARES, 2013).

Dessa maneira, é coerente a atitude do pesquisador de buscar ajuda profissional com a finalidade de manutenção da normalidade ao supor que poderia não dar conta em adentrar dramas e tramas exacerbados face as narrativas de suicídio e conseqüentemente morte. Certamente no processo de pesquisa o sujeito pesquisador se inscreveu em uma dialética de prazer e sofrimento. As vivências de prazer relacionadas a orgulho, reconhecimento, identificação com a atividade permite a manutenção da normalidade e continuação do trabalho. Por outro lado, as vivências de sofrimento, das quais inevitavelmente busca-se o afaste, é inerente as relações de trabalho, coloca o pesquisador em risco, mas também o conduz a reflexões sobre o contexto do trabalho pesquisado que ao não ser afetado, também não o permitiria alcance (BISPO; HELAL, 2013; DEJOURS, 2011a).

## **Considerações Finais**

Tendo sido objetivo desse artigo compreender vivências de sofrimento vivenciadas pelo pesquisador no processo de pesquisa, é evidente nessa trajetória que pesquisar/trabalhar é inevitavelmente ser afetado pelas condições e contexto em que esse trabalho se realiza.

Nesse aspecto, na proposta de se pesquisar/trabalhar com temas sensíveis, é necessário a consciência de se estar em risco. Ao tempo que esse risco é inevitável é imprescindível a busca de estratégias para a manutenção da normalidade, seja com fins de atingir o término da pesquisa, mas também com a finalidade de que haja equilíbrio em todas as áreas da vida, mesmo porque as influências do campo de pesquisa acompanham o pesquisador: o desligar do

gravador, o guardar a prancheta, não torna o pesquisador uma nova pessoa, os dramas e reflexões do campo lhe acompanham.

Para tanto recomenda-se a futuros pesquisadores, orientadores, programas de pós-graduação e demais envolvidos com pesquisa, independentemente de trabalharem como temas sensíveis, atenção às vivências relativas à pesquisa. A busca evidentemente não deve ser impedir o sofrimento, mas que haja estratégias efetivas para a manutenção da normalidade. Nesse sentido, destaca a própria metodologia da Psicodinâmica do Trabalho quanto a importância da fala e escuta, logo criar espaços de fomento aos dizeres, assim como poder contar com apoio de profissionais tais como psicólogos, são de protagonismo para lidar com experiências, dramas e dilemas oriundos do pesquisar.

## Referências

ACADEMY OF MANAGEMENT JOURNAL (FROM THE EDITORS). The coming of age for qualitative research: embracing the diversity of qualitative methods. **Academy of Management Journal**, New York, v. 54, n. 2, p. 233-237, 2011. doi: [//doi.org/10.5465/amj.2011.60262792](https://doi.org/10.5465/amj.2011.60262792)

ALCADIPANI, R.; CEPellos, V. M. Pesquisas sensíveis em administração e organizações: práticas e desafios. **RAEP - Administração: Ensino & Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 421-441, 2017. doi: <https://doi.org/10.13058/raep.2017.v18n2.680>.

BENDASSOLLI, P. F.; SOBOLL, L. A. P. Clínicas do trabalho: filiações, premissas e desafios. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 59-72, 2011. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v14i1p59-72>.

BISPO, A. C. K. D. A.; HELAL, D. H. A dialética do prazer e sofrimento de acadêmicos: um estudo com mestrandos em administração. **Revista de Administração FACES Journal**, Belo Horizonte, v. 12, n. 4, p. 120-136, 2013. doi: <https://doi.org/10.21714/1984-6975FACES2013V12N4ART1939>

BOTEGA, N. J. **Crise Suicida: avaliação e manejo**. Porto Alegre: Artmed, 2015.

CARMO, J. G. M.; GUIMARÃES, L. V. M.; CAEIRO, M. L. Prazer e sofrimento no trabalho: vivências de mulheres soldados da PMMG. **Farol**, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 1278-1322, 2016. doi: <https://doi.org/10.25113/farol.v3i8.3180>.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2006.

DASHTIPOUR, P.; VIDAILLET, B. Work as affective experience: the contribution of Christophe Dejours psychodynamics of work. **Organization Studies**, Thousand Oaks, v. 24, n. 1, p. 18-35, 2017. doi: <https://doi.org/10.1177/1350508416668191>.

DEJOURS, C. **A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho**. 5. ed. São

Paulo: Cortez, 2000.

DEJOURS, C. Avant-propos para a edição brasileira. In: LACMAN, S.; SZNELWAR, L. (Org.). **Christophe Dejours**: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Brasília: Paralelo 15, Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011a. p. 23-30

DEJOURS, C. Addendum: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: LACMAN, S.; SZNELWAR, L. (Org.). **Christophe Dejours**: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Brasília: Paralelo 15, Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011b. p. 57-123.

DEJOURS, C. A metodologia em psicodinâmica do trabalho. In: LACMAN, S.; SZNELWAR, L. (Org.). **Christophe Dejours**: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Brasília: Paralelo 15, Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011c. p. 125-150.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

DESSORS, D.; SCHRAM, J. Le travail social. La peur au coeur. **Informations Sociales**, Paris, v. 24, p. 80-90, 1992.

DIAS, T. T. P.; FACAS, E. M.; MORRONE, C. F.; MENDES, A. M. “Vai atender em 20 minutos?”: Estratégias de enfrentamento do sofrimento no trabalho de teleatendentes em uma central de denúncia de abuso sexual. **Gestão e Sociedade**. Belo Horizonte, v. 5, n. 12, p. 195-215, 2011. doi: <https://doi.org/10.21171/ges.v5i12.1371>.

FREITAS, H.; CUNHA, J. M. V. M.; MOSCAROLA, J. Aplicação de sistema de software para auxílio na análise de conteúdo. **RAUSP**, São Paulo, v. 32, n. 3, p.97-109, 1997.

GÓMEZ, V. A.; MENDES, A. M.; CHATELARD, D. S.; CARVALHO, I. S. A palavra como laço social na clínica Psicodinâmica do Trabalho. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 9, n. 2, p. 253-264, 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2016.92.10>.

KOVÁCS, M. J. Revisão crítica sobre conflitos éticos envolvidos na situação de suicídio. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**. São Paulo, v. 15, n. 3, p. 69-82, 2013.

MATTOS, C. B. M.; SCHLINDWEIN, V. L. D. C. “Excelência e produtividade”: novos imperativos de gestão de serviço público. **Psicologia e Sociedade**, Florianópolis, v. 27, n. 2, p. 322-331, 2015. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p322>.

MELEIRO, A. M. A. S.; BAHLS, S. O comportamento suicida. In: MELEIRO, A.; TENG, C. T.; WANG, Y. P. (Org.). **Suicídio**: estudos fundamentais. São Paulo: Segmento Farma, 2004. p.13-36.

MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da Administração: potencial e desafios. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 4, p. 731-747, 2011. doi: <https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000400010>.

SANTOS, S.; CAMPOS, R. C.; TAVARES, S. O impacto do suicídio: evidências atuais. **Evidências**, Oliveira de Azeméis, n. 1, p. 16-23, 2015.

TAVARES, M. S. A. Suicídio: o luto dos sobreviventes. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Org.). **O Suicídio e os Desafios para a Psicologia**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2013. p. 45-58.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VERONESE, M.; ESTEVES, E. Identidade. In: CATTANI, A. S.; LAVILLE, J. L.; GAIGER, L. I.; HESPANHA, P. **Dicionário internacional de outra economia**. Coimbra: Almedina, 2009. p. 219-223.



**Como citar este artigo (Formato ABNT):**

SARTORI, Silvanir Destefani; SIMÕES, Jeremias Campos. Imposições e Dilemas: Vivências de Sofrimento no Pesquisar. **Id on Line Rev.Mult.Psic.**, Outubro/2020, vol.14, n.52, p. 282-299. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 31/08/2020;

Aceito: 15/09/2020.